

Olhares biográficos em museologia: os desafios da intersubjetividade¹

Judite Santos Primo²

Pedro Pereira Leite³

Resumo

Neste artigo propomos uma reflexão sobre uso de objetos biográficos na museologia, como um processo de produção e inclusão de saberes na sociedade. A renovação teórica da abordagem sociomuseológica, um processo que tem vindo a ser conduzido pelo MINOM e por várias universidades, é fundado nas premissas teorias de adequação das estruturas e processos museológicos aos ritmos e às necessidades das sociedades contemporâneas. A globalização tem vindo a influenciar a abertura das organizações e processos ao meio que as envolvem, numa relação íntima com as comunidades e os territórios, que passam a estar integrados nas suas diversidades.

Neste movimento transformador emergem novos objetos museológicos que provocam uma necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que dão conta destes

¹ Comunicação apresentada na V Conferencia “Museus e Sociedade”, realizada no Museu Municipal de Caminha

² Diretora do Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e dos programas de Doutoramento e Mestrado em Museologia. judite.primo@ulusofona.pt

³ Investigador do CES.UC e Professor nos programas de Doutoramento e Mestrado em Museologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. pedropereiraleite@outlook.com

processos. Através destes novos objetos rasgam-se novas perspectivas de investigação e ação que reatualizam metodologias e renovam a ação das organizações museológicas e patrimoniais. Estas novas narrativas permitem a adequação e um ajustamento dos processos museológicos aos processos sociais onde ocorrem.

Esta busca de conformidade pode emergir a partir duma postura crítica, incluindo as histórias de vida e as narrativas biográficas como propostas de investigação-ação museológicas numa dupla perspectiva. O de resgate dos saberes das comunidades e a sua mobilização como construção de sentidos de ação social. O desafio colocado pela intersubjetividade facilita a adequação das práticas museológicas às sociedades em transformação, fazendo intervir as comunidades como agentes de construção dos sentidos da ação. Através delas os museólogos transformam-se em mediador de saberes mestiços.

Palavras-Chave

Sociomuseologia, Intersubjetividade, Narrativas Orais, Museologia Crítica, Mudança Social

Abstract

In this paper, we propose a reflection on the use of biographical objects in museum studies, as a process of production and inclusion of knowledge in society. The theoretical renewal of sociomuseological approach, a process that has been conducted by MINOM and several universities, is founded on the premises of theories adequacy of museum structures and processes to the rhythms and needs of contemporary societies. Globalization has been influencing the opening of organizations and processes through which they are involved in an intimate relationship with the communities and territories that become integrated in their diversity.

In this transformative movement emerge new museum objects that trigger a need to develop and clarify relationships, notions and concepts to realize these processes. Through these new objects ripping new perspectives for research and action that

reactualized methodologies and renew the action of museum and heritage organizations. These new narratives allow adaptation and adjustment of museological processes to social processes.

Keywords

Sociomuseology, Intersubjectivity, Oral Narratives, Critical Museology, Social Change

O que estamos a falar quando falamos de intersubjetividade

A intersubjetividade é uma abordagem da ciência atual que procura questionar o processo de formação do conhecimento, como modo de refletir sobre o sentido desse mesmo conhecimento. Não nos vamos alongar sobre esta questão que apresenta alguma complexidade. O nosso objetivo é apenas o chamar a atenção para uma questão que nos parece essencial quando trabalhamos em museologia.

Como todos sabemos a ciência moderna constitui-se no século XVI com base na experiência. Este constitui um novo tipo de conhecimento que se instala na sociedade e que convive com as outras formas de saber. Assim temos dois olhares e duas respostas consoante o tipo de ferramentas que utilizamos.

Um primeiro olhar, que dizemos científico, analisa os **fenómenos**. Um fenómeno é uma relação que se constitui entre um sujeito (que conhece) e os objetos (exteriores) que esse sujeito seleciona. Como cada um percebe o mundo de modo diferente, um fenómeno é também uma relação social. Uma relação comunicativa que procura um compromisso sobre o modo de ver o mundo. Na ciência, de forma muito simples, procuram—se as regularidades dos fenómenos para se responder a problemas da sociedade.

A outros olhares, a outras formas de saberes, nomeamos como **senso-comum**. São saberes que todos possuímos, feitos de experiências que nos chegam no nosso dia-a-dia, que nos são dados

pelos nossos sentidos, que nos orientam no quotidiano e que nos satisfazem as necessidades (fisiologia, segurança, amor, estima e realização pessoal nos cinco níveis piramidais da terminologia de Maslow). Este tipo de saber que é baseado nas sensações e resulta das relações do eu com o mundo é considerado não científico.

Com o progresso da ciência e do pensamento o conhecimento científico sobre o social tem vindo a ser questionado pela crítica pós-moderna. Uma crítica que é feita com base em duas questões, que muito sinteticamente, podemos considerar como a reflexividade e a relatividade. A reflexividade indica-nos que apenas podemos observar aquilo para o qual dispomos de instrumentos. Ou seja, diz-nos que aquilo que estamos a ver depende das lentes através das quais estamos a observar. Por seu lado a relatividade indica-nos que aquilo que observamos depende do ponto de observação.

Esta crítica coloca-nos perante a necessidade de quando olhamos para um qualquer fenómeno sabermos que aquilo que estamos a analisar depende de onde é que nós estamos e com que instrumentos teóricos estamos a olhar e ao mesmo tempo sabermos que o nosso olhar influencia aquilo que vemos.

Por essa razão, e para que aquilo que se está a fazer não seja o resultado duma “vontade” (consciente ou inconsciente”) de quem faz ciência social, é necessário incorporar no processo a relação com o outro. Fazer com que seja o outro a falar e a comunicar. Por essa razão quando assumimos uma postura crítica nas ciências sociais assumimos o reconhecimento do outro com base no compromisso emancipatório. A museologia como compromisso emancipatório.

O que estamos a falar quando falamos de olhares biográficos

Quando falamos de olhares biográficos estamos a falar de narrativas sobre percursos de vida de pessoas ou organizações. Não é fácil delimitar este campo de investigação, que se pode facilmente confundir com outros campos do conhecimento como a História (que é também uma biografia social) com a Psicologia, com a Antropologia e com a Sociologia.

A museologia assume-se como uma ciência aplicada. Nesse sentido, reconhecendo que as narrativas biográficas são utilizadas em diversos contextos por diferentes disciplinas, que vão desde aplicações no campo do empoderamento social, da psicoterapia, da capacitação profissional ou nos trabalhos sobre os Direitos Humanos, a museologia utiliza as narrativas biográficas quando se trata de produzir um saber emancipatório e solidário. Como um método que se utiliza quando se procura resgatar os conhecimentos e memórias das comunidades. Como metodologia qualitativa ele é também uma proposta de ação social. Um modo de conhecer para transformar a vida, o trabalho a relação com os outros no âmbito duma museologia social.

É comum dividir a análise dos olhares biográficos em dois grandes grupos de narrativas. As narrativas construídas a partir da produção do eu (as autobiografias, os testemunhos pessoais) que se constituem como processos condicionados pelos desejos de revelação do sujeito narrador (o eu revelado como desejo), ou por acesso indireto do investigador (através da recolha de documentos pessoais, memórias e correspondências, etc.

Um segundo grupo de olhares biográficos constitui-se a partir das narrativas construídas pela mediação dum investigador. Neste grupo incluímos as histórias de vida (live story ou Live History) e as Narrativas Biográficas (Comprehensive Live History). A distinção dos métodos deriva fundamentalmente dos resultados pretendidos. Assim, por exemplo uma recolha duma estória de vida, que se fixa num texto é diferente duma mesma recolha por um investigador que a utiliza para construir ou reconstruir um sentido social.

O que é fundamental distinguir na utilização do método é a sua utilização, como metodologia qualitativa, para reconstruir os sentidos de vida dos indivíduos, para valorizar as suas trajetórias de vida, pessoais ou profissionais, e que é construída pelo próprio a partir dos seus quadros de significação. Trata-se portanto de um método que é utilizado para conhecer como processo de transformação social. Um processo de transformação da vida, do trabalho ou da sua forma de relação com os outros. Mais à frente veremos alguns

casos de aplicação.

O que estamos a falar quando falamos de sociomuseologia

Quando abordamos a Sociomuseologia no âmbito da sua Função Social estamos de uma forma geral a falar dum processo que tem vindo a influenciar alguns profissionais da museologia sobre as formas de fazer essa museologia ao longo dos últimos cinquenta anos. É uma história longa que tem vinda a ser construída com diferentes visões e diferentes práticas, muito rica em experiências e exemplos. Esta nova museologia tem vindo a ser refletida no âmbito do MINOM (Movimento Internacional para Uma Nova Museologia)⁴ que se constitui como um grupo no âmbito do ICOM (Comité Internacional dos Museus). Em Portugal este movimento conta com algumas experiências práticas e uma ação de formação que se materializa nas propostas de formação em museologia da ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias).

Sem a preocupação de apresentar de forma exaustiva a proposta da nova museologia, vamos apenas chamar a atenção para algumas questões que são relevantes para esta nossa conferência, com base em alguns documentos base, que qualquer um poderá posteriormente acessar no caso de desejar aprofundar a questão.

A interrogação sobre o sentido dos objetos que estão nas coleções de um museu, sobre a sua função para a comunidade é uma preocupação que se começa a sentir nos museólogos no período a seguir ao fim da segunda guerra mundial. Por exemplo, durante muito tempo nos museus de etnologia as coleções eram apresentadas como testemunhos materiais dos homens então chamados de “primitivos”. A estes testemunhos contrapunham-se os outros objetos de coleções de arte, de história ou arqueologia ou mesmo de ciência que eram testemunhos duma civilização. A interrogação sobre para que serve a museologia ao mesmo tempo que a distinção entre selvagens e civilizados deixou de ser usada, conduziu a uma consciência de que a museologia e os museus de deviam construir como um processo de dialogo. Emerge na ciência

⁴ www.minom-icom.net

uma preocupação com a sua “função social”.

Um outro momento, fundamental para a nova museologia, emerge com a “Declaração de Santiago”, feita em 1972 na cidade capital do Chile. No contexto dos intensos movimentos sociais da América do Sul, esta declaração⁵ vem chamar a atenção para a necessidade dos museus estarem ao serviço do Desenvolvimento da comunidade e dos territórios. Introduce no vocabulário da museologia as questões do ambiente através do conceito do ecomuseu e do museu integral. Os efeitos desta declaração vão influenciar profundamente o movimento museológico na América e na Europa, desenvolvendo novos tipos de museus de comunidade, de consciência, de território, etc.

Passados doze anos, em 1984 no Quebec no Canadá uma outra declaração que ficará conhecida como “*Declaração do Quebec*” num debate de vários museólogos de todo o mundo sobre experiências em ecomuseus, conclui-se a importância fundamental da participação da comunidade nos processos museológicos. É a partir da consciência da necessidade de incorporar a participação da comunidade nos processos museológicos que determinará a vontade dos museólogos de se constituírem como um grupo dentro do ICOM. Esse grupo será formalizado no ano seguinte, em Portugal, constituindo o MINOM.

O Terceiro momento de relevância para as nossas questões regista-se em 1992 com a “*Declaração de Caracas*”, onde se chama a atenção para a necessidade dos processos museológicos integrarem, debaterem e trabalharem as questões da globalização, ao mesmo tempo que emerge a consciência de que os museus são simultaneamente espaços de comunicação e de preservação. A nova museologia, que se continua a desenvolver com importantes contributos, será doravante marcada por esta tensão entre a salvaguarda das heranças e a sua comunicação. E é no âmbito desta

⁵ Ver em Primo, Judite (1999). “Museologia e Património: Documentos fundamentais”, Sociomuseologia, nº 15 Lisboa, ULHT (disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia>)

questão se colocam as necessidades de repensar a cadeia operatórias da museologia.

Uma operação que nos obriga a interrogar sobre o que se escolhe para preservar, temos que nos questionar sobre quem seleciona, como se preserva e para que se preserva; ao mesmo tempo que, estando o processo museológico ao serviço da sociedade, nos devemos igualmente interrogar sobre o que se comunica, como se comunica, para quem comunicamos e para quê o que comunicamos. Duma maneira geral estes princípios tem vindo a ser incorporados nas diversas normas profissionais e nas definições de museus no âmbito do ICOM. Mas que nos parece merecer a pena salientar é o desafio que nos foi lançado de olhar para os objetos museológico como mais do que coleções estáticas.

Assim, se numa perspetiva duma museografia “tradicional” o objeto é o centro da atividade do profissional, que se concretiza num espaço chamado museu que é visitado por determinado tipo de públicos; numa perspetiva da “*nova museologia*”, emergem novos objetos museológicos, os museus alargam-se para os territórios, podendo assumir diferentes configurações e formas de organização ao serviço das comunidades.

Ao mesmo tempo a consciência de que a salvaguarda dos objetos é igualmente um processo de comunicação, entende-se mais claramente que os desafios às instituições de memória se constituem como desafios onde as heranças e os patrimónios são trabalhados como objetos de construção do futuro. Assim emergem novos objetos na museologia, integrando o imaterial e o percível. Como se conserva o evento e a festa. Como se conserva a oralidade. São desafios que fizerem os museólogos entender que a museologia trabalha com a memória e com o esquecimento que se afirma na comunidade como formas de poder numa relação processual que simultaneamente reflexiva e transitiva.

Em suma, esta nova museologia, ao mesmo tempo que inclui na museologia novos objetos, novos protagonistas e se dissemina por vários espaços sociais em relação com outros processos, transforma-

se num serviço⁶ prestado à comunidade. Assim tal como surgem novos tipos de museus, tais como ecomuseus, museus de território, museus de comunidade, museus de identidade, museus de consciência, museus sem objetos ou as redes de museus; surgem novos objetos, tais como as narrativas biográficas, os patrimónios imateriais, ou objetos construídos no processo de conhecimento/fruição. Surgem ainda novos processos museológicos, sejam em espaços de cultura ou de outra configuração, onde os processos museológicos se entrelaçam com outros processos sociais, no campo da saúde, da educação dos serviços, etc.

Que ferramentas dispomos para resolvermos o desafio da intersubjetividade

Verificamos atrás que as narrativas biográficas se constituem como um novo objeto museológico no âmbito dum movimento de renovação da museologia. Verificamos que esta nova museologia mais do que responder às questões sobre o que é e para que serve um museu, ou sobre para quem é um museus; opta por partir da questão sobre quem somos e o que queremos fazer; sobre para onde queremos ir e como o vamos fazer.

Esta nova museologia integra-se na busca dum paradigma transitivo porque parte de premissas inclusivas. Sabe que todos somos portadores de saber e que os saberes são múltiplos. Sabe que todos temos o direito e o dever de participar na construção do nosso presente. Trata-se portanto duma museologia que está ancorada em valores éticos de cidadania de Direitos Humanos. É uma museologia que usa as heranças como recursos transcalares com base na premissa de que somos herdeiros dos nossos filhos.

Esta “alter museologia”⁷ uma museologia que procura uma

⁶ A ciência dos Serviços tem vindo a ser desenvolvida em diversos espaços tem por base a evolução tecnológica e científica. A ciência dos serviços focaliza-se na satisfação das necessidades dos seres humanos e nas configurações organizacionais que dão suporte às suas atividades.

⁷ A ideia de Alter Museologia é defendida por Pierre de Mayland no XII

alternativa a um mundo que se apoia e explora recursos finitos de forma intensiva, com base nas energias não renováveis (à base de carbono) é uma museologia cidadã. É uma museologia que se centra na resolução dos fortes desequilíbrios na distribuição da riqueza e nas profundas desigualdades sociais geradas com base nos recursos naturais. É uma museologia que se assume como uma ferramenta de ação. Uma ação experimental da construção dum outro paradigma, onde o museólogo se deve envolver nos diversos diálogos com os movimentos sociais e com os distintos atores sociais. Uma ação experimental de busca de plataformas e espaços de compromissos aberta ao mundo e aos seus ritmos.

Trata-se em suma duma museologia que se procura os processos sociais para neles se diluir na busca de formas e processos de construção da vida, do lazer e do trabalho. É uma museologia que celebra a experiência como uma dimensão da inovação social. A proposta do uso das narrativas biográfica é uma dessas ferramentas.

Como podemos fazer uma museologia solidária a partir das narrativas biográficas

Para utilizar a ferramenta das narrativas biográficas compreensivas como proposta de investigação-ação no âmbito dos processos museológicos devemos constituir um “Círculo Museológico”. Este círculo deverá ser constituído por um conjunto mínimo de cinco e um máximo de quinze pessoas constitui um elemento fundamental para o trabalho museológico com as narrativas biográficas. Esta proposta é fundada nas teorias pedagógicas de Paulo Freire⁸, segundo o qual a reflexão do eu sobre a ação em contexto de grupo é um elemento que favorece a integração dos sentidos plurais do real.

A narrativa biográfica é um processo de investigação ação que parte da consciência da individualidade pode cada um dos elementos do grupo, para nela encontrar um significado comum. É esse significado

Atelier Internacional do MINOM, realizado em Setúbal.

⁸ Paulo Freire (1921-1997). Pedagogo brasileiro que propõe a conscientização como processo na sua pedagogia da libertação.

socialmente partilhado que constitui o objetivo da ação museológica. Nesta ideia de círculo procura-se através do reconhecimento de uma forma, dar maior atenção aos detalhes (tomar consciência dos vários pontos de observação). A observação e a experiência dos sentidos plurais são com que janelas que se abrem para os sentidos do saber que reconstrói uma determinada ordem do mundo. O círculo permite simultaneamente o dialogo do pensamento do individuo e a sua interação com o grupo. É nesta interação entre o individuo consigo e com o grupo que emerge a consciência da ideia e a possibilidade da sua partilha com os outros. Na sequência da formação do grupo são lançadas propostas para trabalho com as memórias sociais. Na tese de doutoramento *“Casa Muss-amb-ike: O compromisso no processo museológico”*⁹ apresentamos um modelo de trabalho que nomeamos de *“Sociomnese”* De acordo com a proposta freiriana, partimos da apresentação de imagens geradoras para a partir da discussão sobre essas imagens procurar os elementos que estavam presentes na memória social da comunidade.

O trabalho com as narrativas biográfica parte das memórias de cada individuo, colocado em contexto, que as partilha com os demais elementos do grupo em busca de significados comuns. A história de vida de cada um contada aos outros, experienciada pelo grupo, com elemento para reconstruir os elos de partilha dos significados e das pertenças.

Em linhas muito gerais o processo de aplicação da metodologia deverá contemplar quatro momentos, partindo dos indivíduos para a construção de significados sociais que são partilhados no fim com a comunidade por via de exposições ou representações. O primeiro momento deverá ser constituído por um processo que podemos nomear de *“Cartografia das memórias e dos patrimónios”*, onde por vias de histórias se procede ao diagnóstico das histórias de cada um, por via da enunciação do seu currículo ao grupo. Este momento

⁹ LEITE, Pedro Pereira (2011). *Casa Muss-amb-ike: o compromisso no processo museológico*, Lisboa, ULHT

objetiva as experiências pessoais. Procura-se de seguida que o grupo questione o indivíduo para obter esclarecimentos adicionais ou outro tipo de questões pertinentes para a construção do sentido. Depois de todos os membros terem efetuado o mesmo processo, segue-se um segundo desafio, que consiste na proposta de cada um dos membros representar a sua história. A representação pode ser feita por via do desenho, da construção dum diário, ou doutra qualquer forma que se queira escolher. O objetivo é que cada um represente a sua história após a sua exposição prévia ao grupo, incluindo portanto uma nova consciência sobre si.

O terceiro momento concite em solicitar ao grupo, na sua totalidade ou divididos em pequenos grupos que encontrem nas histórias de cada os sentidos que a tornam comum. O grupo e os grupos deverão então produzir, em conjunto elementos para uma exposição sobre a história que é comum a todos, sendo que cada um deverá contribuir quer com ideias quer com formas de fazer que potenciem o trabalho final. No quarto momento o trabalho ou trabalhos deverão ser partilhados com a comunidade e recolhidos os elementos de avaliação.

O que podemos fazer alguns exemplos de aplicação

Este método pode ser aplicado de diversas formas no âmbito dos processos museológicos. Por exemplo, pode ser um ponto de partida para a produção de exposições ou para a constituição de acervos de museus na sua relação com a comunidade. Pode ser utilizado pelos serviços educativos ou por ações de extensão. Pode ser utilizado no campo do património imaterial, para trabalhar com as oraturas, com os contos e com as histórias. Pode ainda ser um método que pode ser usado com a incorporação das novas tecnologias. Por exemplo, as “Shot stories”¹⁰ podem constituir o conteúdo duma instalação num qualquer espaço dum museus, onde

¹⁰ Short story, do inglês pequenas histórias, são narrativas de curta duração onde é solicitado ao narrador uma economia de discurso. Numa analogia grosseira serão equivalentes ao Twitter, uma sistema de comunicação que está limitado a 140 palavras.

os visitantes são convidados a apresentar-se num curto espaço de tempo (numa parede, num desenho, numa videogravação). Ao fim de algum tempo o espaço museológico dispõe de um registo de visitantes e das suas memórias que ele próprio pode constituir um objeto museológico.

Em suma o limite da utilização das metodologias é dado pela vontade dos próprios atores. Como também facilmente se pode verificar, muitas destas técnicas já são atualmente utilizadas noutros contextos. Vale a pena sublinhar que a sua utilização na museologia social está vinculada ao compromisso da construção de uma ação social

Conclusão.

No processo museológico constituído pela museologia social o principal desafio é o desenvolver uma ação museológica que permita aos participantes partir das heranças que cada um transporta para reconstruir o sentido social dessas heranças como ferramenta de construção do futuro. O mundo está em mudança permanente e o desafio é conseguir capturar essa mudança. Entender os sentidos das transformações para atuar no mundo.

Os processos museológicos participativos não têm como objetivo resolver os problemas do mundo. Eles têm como objetivo constituírem-se como espaços de consciência desse mundo, como laboratórios onde as mudanças podem ser pensadas, construídas, testadas, experimentadas. Devem constituir-se como espaços de participação cidadã onde se desenvolvem práticas sociais voltadas para a resolução de problemas. Nada impede que os processos museológicos participem juntamente com outras formas de organização social na resolução dos problemas que cada comunidade considere adequado. Essa é afinal uma das virtudes do mundo contemporâneo onde por via das redes sociais tudo se relaciona de forma permanente. A museologia pode adicionar ao mundo em mudança a sua consciência sobre as heranças como ferramentas de construção do futuro. Uma ferramenta importante para resgatar e incluir memórias saberes e técnicas.

Resta-me agradecer a tenção dispensada e fico disponível para qualquer questão que me queira colocar.

Bibliografia

- ADORNO, Theodoro (2008). Teoria Estética. Lisboa, Edições 70
- BOURDIEU, Pierre, (2005). Esboço para uma Auto-análise, Lisboa, Edições 70, 119 pag,
- BRUNO, Cristina (1996), *“Museologia e Comunicação”* in Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, nº 9
- BRUNO, Cristina (2004), *“As expedições no Cenário Museal”* in *Expedição são Paulo 450 anos*, São Paulo, Museu da Cidade de São Paulo, pp 36-47
- CHAGAS, Mário (2009). A Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, Ministério da Cultura/IBRAM, 257 páginas
- HABERMAS, Jürgen (1987) *Ciência e Técnica como Ideologia*, Lisboa, Edições 70, 149 páginas
- HABERMAS, Jürgen (2010) *Fundamentação Linguística de Sociologia*, Obras Escolhidas, Volume I, Lisboa, Edições 70, 350 páginas
- HOBBSAWN, Eric (1988) *“Tradições Inventadas”*, in *Desporto e Sociedade*, Lisboa, Direcção Geral de Desportos, nº 80, 18 páginas
- HONNET, Axel (2011). *Luta pelo Reconhecimento: para uma gramática moral dos conflitos sociais*, Lisboa, Edições 70.
- LECHNER, Elsa (2007). *Histórias de Vida: Olhares Interdisciplinares*, Porto, Afrontamento, 156 pag.
- LEITE, Pedro Pereira (2011). *Casa Muss-amb-ike: O compromisso no processo museológico*, Lisboa, ULHT
- MOUTINHO, Mário (2007). *“Definição Evolutiva da Sociomuseologia”* in XIII Atelier Internacional do MINOM, Lisboa (www.museologia-portugal.net/sociomuseologia)
- PRIMO, Judite (2007). *“Documentos Básicos em Museologia: Principais Conceitos”* in Cadernos de Sociomuseologia, nº 28, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

SANTOS, Boaventura de Sousa. (1987). Um Discurso sobre as Ciências, Porto, Edições Afrontamento, 59 páginas.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (1989). Introdução a uma ciência Pós-moderna, Porto, Edições Afrontamento, 199 páginas.

